“Cincoenta Annos de Methodismo no Brasil”

James L. Kennedy

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO FAC-SIMILAR , DISPONÍVEL, A SEGUIR, NO *SITE* DA IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL-RJ
www.metodistavilaisabel.org.br

É com muito orgulho que a Igreja Metodista de Vila Isabel disponibiliza em seu *site* o clássico livro “Cincoenta Annos de Methodismo no Brasil”, de autoria do Rev. James L. Kennedy, em edição fac-similar, isto é, reproduzindo exatamente, através das modernas técnicas, o livro originalmente editado em 1928, com a ortografia da época e todas as suas fotos.

Este é um livro que poucas pessoas possuem ou já o leram. Colocar este livro à disposição do rebanho metodista no Brasil, com a possibilidade de imprimi-lo para futuras consultas, é realmente uma grande contribuição ao estudo de nossa história. O livro não teve uma grande tiragem no seu lançamento e, infelizmente, nunca foi feita uma segunda edição. Muita gente que se achegou aos metodistas nos últimos tempos tem manifestado o seu desinteresse por nossa história. Nada mais errado do que essa atitude.

O grande pensador metodista Sante Uberto Barbieri, em seu livro “Estranha Estirpes de Audazes”, também disponível em nosso *site*, nos diz que “a história é o único elemento de nossa vida social que nos liga ao passado, cortaríamos de nós mesmos uma importante parte, se omitíssemos a História... Podemos existir sem a História, mas não viver... Na História se refugia a vida que já foi para não morrer... para continuar vivendo, para obrigar-nos a viver”. Reforçando suas observações, ele cita Miguel de Unamumo, o grande filósofo espanhol: “é a visão do passado que nos empurra à conquista do porvir”, ou seja, com ela lançamos bases seguras apara o futuro.

A elaboração do livro foi uma decisão da Igreja para comemorar os 50 anos da chegada do missionário John James Ransom, que ocorreu no ano de 1876. O livro, editado em 1928, era para ter sido lançado em 1926. Com Ransom, tem início um trabalho que nunca mais foi interrompido. Antes disto, em 1835, aqui esteve o Rev. Fountain Pitts que, dentro das preocupações missionárias da Igreja americana, veio avaliar as possibilidades de criar em nossa pátria uma missão metodista. Com base em suas opiniões, que atestavam uma rica oportunidade de trabalho, veio o Rev. Justin Spaulding, chegado ao Brasil em 19 de agosto de 1836, para abrir o trabalho definitivo, o que ele fez, contando com a preciosa ajuda de alguns outros missionários, entre eles o Rev. Daniel P. Kidder, autor de um dos mais importantes livros, em dois volumes, sobre a vida brasileira e suas instituições políticas e sociais.

Encerrada a missão de Spaulding em 1841, em função de crise nos Estados Unidos e na própria Igreja Metodista, aqui permaneceu, como elo para o futuro, a família de Martha (Mary) Walker, que acolheu, 26 anos mais tarde, em 1867, o Rev. Junius Newman, que chegou como pastor de membros de seu rebanho que haviam decidido emigrar para o Brasil. Martha Walker foi arrolada na Igreja do Catete, em 8.11.1873, por assunção de votos, já que pertencia antes de vir para o Brasil à Igreja Metodista de sua pátria, a Inglaterra.

Houve, portanto, três começos na história do Povo Chamado Metodista no Brasil: o primeiro, com Pitts e Spaulding, o segundo com Newman e, o terceiro, com Ransom. O começo de nossa história, como igreja autônoma, se deu em 2 de setembro de 1930, dia de nossa Autonomia.

Os fatos até as proximidades de nossa Autonomia estão relatados, com muitos detalhes preciosos, no livro que estamos apresentando. O seu autor, Rev. James L. Kennedy, que aqui chegou em 1881, juntamente com o Rev. James W. Koger e a educadora Martha Watts, foi um assistente privilegiado do crescimento do trabalho metodista no Brasil. Fundou diversas igrejas no Rio de Janeiro e em São Paulo e Minas Gerais. Foi ele quem fundou a Igreja Metodista de Vila Isabel em 15 de junho de 1902. O livro é pródigo em citações sobre nossa Igreja, com fotos de muitos dos nossos ex-pastores, de membros leigos e do nosso templo, casa pastoral e da antiga Escola Paroquial.

Uma obra como essa, com o exaustivo trabalho de reunir informações que vinham de diversas fontes, e com a falta de recursos humanos e técnicos, apresenta alguns pequenos erros, alguns de revisão mesmo, que não comprometem a inteireza da obra. Um deles, certamente sem importância porque contraria os dados do próprio livro em outras partes, se dá à página 401, quando menciona o total de membros da Igreja no Brasil como sendo 62.289; na realidade, eram apenas 6.290. Há um outro relativo à fundação de nossa Igreja de Vila Isabel, que o seu fundador e autor do livro menciona como 15 de julho e o correto é 15 de junho. Pequenos erros como os citados não comprometem de modo nenhum a importância do livro.

O que pode parecer difícil para a compreensão do leitor seria na parte administrativa da Igreja Metodista, cuja nomenclatura tem variado muito. Assim, ao final, serão dadas algumas explicações que podem ajudar os leitores a entender melhor o texto do livro. As diferenças ortográficas existentes não prejudicam sua compreensão.

Fazemos um convite especial para que a oportunidade de conhecer páginas memoráveis da caminhada da Igreja Metodista no Brasil possa ser bem aproveitada por todos. E damos graças a Deus pela vida do venerável autor, Rev. Kennedy, e da de todos aqueles que são mencionados no livro que fizeram, de acordo com os seus dons, trabalho sobremaneira excelente para o desenvolvimento de nossa Igreja.

À GUISA DE GLOSSÁRIO

Estamos destacando abaixo alguns pontos que, para melhor entendimento do livro, merecem esclarecimentos.

1. **Nome da Igreja Metodista**
   Quando fomos organizados como igreja, a partir da Primeira Conferência Anual Brasileira, em 1886, nosso nome passou a ser o mesmo da igreja americana, ou seja, Igreja Metodista Episcopal do Sul. Em 1930, com a Autonomia, o nome passou a ser Igreja Metodista do Brasil. Em 1971, o nome passou a ser apenas Igreja Metodista.

   Só como curiosidade, os diversos nomes da igreja metodista dos Estados Unidos. Quando de sua organização autônoma, em 1784, o nome era Igreja Metodista Episcopal. Com a cisão em 1844, foram criadas duas igrejas, a Igreja Metodista Episcopal do Sul e a Igreja Metodista Episcopal (do Norte). Em 1939, com a fusão das duas, passou a chamar-se Igreja Metodista. Em 1964, com a união com a Igreja dos Irmãos Unidos, de origem também wesleyana, a igreja passou-se a chamar Igreja Metodista Unida.

2. **Conferências**

   Esse nome equivale, em termos de organização, à palavra concílio, tão usada hoje. Na realidade, embora as duas palavras sejam praticamente sinônimas tanto em português como em inglês, em nosso idioma a palavra concílio tem significado mais claro de reunião eclesiástica.

   Assim, no livro nós vamos encontrar: conferência missionária, que era uma reunião só dos missionários. Com a organização da Igreja em 1886, a Conferência Anual Brasileira envolvia todo o Brasil. Ou seja, o Brasil tinha, nos termos de hoje, apenas uma Região Eclesiástica e ela era dividida em distritos, havendo, portanto, conferências distritais. Em 1910, por decisão da Conferência Geral da Igreja americana, à qual pertencíamos, passamos a ter mais uma Região, sendo criada a Conferência Anual Sul Brasileira, reunindo as igrejas do Rio Grande do Sul. Com o crescimento da obra, foi criada em 1918 a Conferência Central Brasileira, que envolvia os Estados de São Paulo e do Paraná, em início de ocupação.

   No final da década de 1920, com autorização da Igreja americana, passamos a ter reuniões da Conferência Geral Brasileira, uma espécie do Concílio Geral de hoje, reunindo delegados eleitos das três regiões mas sem poder legislativo. Houve apenas duas reuniões já que, em 1930, ocorreu a nossa Autonomia.

   Com a nova organização em virtude da Autonomia, as regiões passaram a chamar-se Região Eclesiástica do Norte, reunindo o Distrito Federal (cidade do Rio de Janeiro) e os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro; Região Eclesiástica do Centro (São Paulo e o Triângulo Mineiro, Paraná e Mato Grosso e Goiás); A Região Eclesiástica do Sul tinha as igrejas do Rio Grande do Sul já que não havia, na época, nenhum trabalho em Santa Catarina. Cada uma delas tinha um Concílio Regional.

As regiões eram constituídas de distritos, cujas reuniões passaram a chamar-se concílios distritais. Ao mesmo tempo, passamos a ter concílios paroquiais, uma reunião administrativa com composição exclusiva dos oficiais da Igreja e dos ecônomos. Estes faziam parte da Junta dos Ecônomos, um órgão que hoje seria o Ministério de Apoio Administrativo (MAAD). A Assembléia da Igreja passou a chamar-se Concílio Local e é o órgão máximo deliberativo das igrejas locais.

3. **Presbítero Presidente**

Na Igreja até 1930, esse era o nome do responsável por um distrito. Hoje ele é chamado de Superintendente Distrital ou simplesmente SD. Antes da Autonomia, os presbíteros presidentes comandavam realmente a Igreja. Eles eram nomeados pelo bispo responsável da Igreja americana, que raramente vinha ao Brasil. Em sua ausência, os PP´s tinham muito poder e isto fica bem claro no livro.

4. **Grupos Societários**

A primeira sociedade criada foi a Sociedade Missionária Metodista de Senhoras. Seu nome foi mudando com o tempo e, há muitos anos, é a atual Sociedade Metodista de Mulheres. A dos jovens, seguindo o exemplo da Igreja americana, era chamada Liga Epworth, homenageando o nome da cidade inglesa onde João Wesley nasceu. Seu nome, com a Autonomia, passou a ser Sociedade Metodista de Jovens.

As sociedades de crianças, hoje praticamente inexistentes, o que é uma pena, foram substituídas pelo Ministério da Criança, que tem objetivos muito diferentes. Tentaram, no princípio do século XX, quando eram chamadas de Classe Jóias de Cristo, que são muito mencionadas no livro e que muitos pensam que eram classes de Escola Dominical, mudar o seu nome para Liga Epworth Infantil mas o nome não pegou. Com a Autonomia, passaram a ser Sociedades Metodistas de Crianças. As sociedades de Juvenis e as de Homens foram criadas depois da Autonomia e não são mencionadas no livro.

5. **Nomes de Cidades**

É uma tarefa difícil identificar o nome de muitas cidades mencionadas no livro, o que pode dar alguma confusão. Por exemplo, a cidade de Três Rios (RJ) é mencionada por seu antigo nome, Entre Rios. A Igreja de Meriti mencionada no livro é a atual igreja de Duque de Caxias. Meriti era o antigo nome da cidade. Um dos seus distritos era São João de Meriti, igreja fundada por Vila Isabel. Palmira virou Santos Dumont e muitas outras igrejas mencionadas no livro também mudaram de nome e dificilmente podem ser identificadas hoje, o que não prejudica muito a leitura. Outras cidades são mencionadas pelo nome da estação do trem. O crescimento da Igreja Metodista ia seguindo o itinerário das linhas ferroviárias. Muitas igrejas surgiram em Minas Gerais seguindo os trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil e da Leopoldina Railways, depois Estrada de Ferro Leopoldina.

(Texto de João Wesley Dornellas)